

Fazer música em conjunto: vivências em sala de aula

Diego Conto Lunelli
Universidade de Caxias do Sul

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência do fazer musical em conjunto em diferentes turmas da rede pública de ensino no município de Farroupilha - RS a partir do repertório da cultura popular. As atividades foram desenvolvidas em uma turma de nono ano e também um grupo de jovens do terceiro ano do ensino médio. Neste texto estão relatados alguns pontos percebidos como semelhantes e divergentes entre as abordagens, e a recepção das propostas, ao mesmo tempo são feitas considerações quanto as possíveis conclusões do projeto. A presente comunicação está dividida em introdução, apresentação dos projetos iniciais, contexto dos grupos, execução dos projetos e conclusões, sendo que a temática que transpassa todo o projeto e todo o texto é a música popular, enfatizando as diferenças regionais das práticas musicais.

Palavras chave: Educação básica; Prática em conjunto; Música brasileira;

Introdução

No decorrer deste trabalho será feito um relato de experiência observando práticas de ensino/aprendizagem em distintos grupos de estudantes do ensino fundamental e médio, envolvendo o fazer musical em conjunto. Os grupos que serão examinados compõem-se de uma turma de nono ano do ensino fundamental e também um grupo de jovens do terceiro ano do ensino médio. Serão feitas observações e análises da realidade escolar de cada turma; também será apresentado um resumo dos projetos executados; e finalmente uma mostra dos resultados nas diferentes realidades.

O presente artigo está organizado em quatro partes, sendo introdução na qual será feita uma apresentação geral do trabalho e das realidades observadas; primeiro capítulo que busca apresentar os projetos e as atividades propostas; o segundo capítulo traz um pequeno panorama do contexto de cada turma, com informações sobre os alunos e as instituições de ensino; finalmente, o terceiro capítulo apresenta o relato dos projetos e dos resultados alcançados, encerrando com as conclusões.

A partir de ideias sobre a prática musical em conjunto, bem como de um período inicial de observação das turmas, com atividades de musicalização como exercícios de manutenção de pulso, identificação de ritmos, diferenciação de melodias, e também após feitas leituras complementares, foram desenvolvidos os projetos de prática em conjunto de um repertório popular brasileiro baseado em exemplos da música de diferentes contextos: samba e música sertaneja. As duas propostas estavam diretamente ligadas à execução de diferentes peças musicais com a participação de toda a turma.

Para conhecimento as atividades com as turmas de ensino fundamental foram desenvolvidas no ano de 2014 e a turma de ensino médio no decorrer do ano de 2015, ainda é importante ressaltar que foram desenvolvidas aulas com turmas de quarto e quintos anos, em outras instituições como parte da prática docente, porém para este relato foram selecionadas apenas duas amostras que tem um maior número de pontos convergentes. Deve-se, também, considerar que essas foram as primeiras experiências das turmas, assim como das escolas, com a atividades de música aplicadas por um profissional com formação específica. No entanto, não podemos desconsiderar que oficinas de música e outras atividades que envolvem o fazer musical já foram realizadas dentro das escolas e com os alunos destes grupos.

Contexto dos grupos trabalhados

Durante o ano de 2014 as atividades desenvolvidas com a turma de ensino fundamental foram realizadas junto ao estágio curricular de graduação e neste caso em uma turma de uma instituição localizada no centro de Farroupilha, Rio Grande do Sul, onde estudam cerca de 1200 alunos. Segundo as supervisoras pedagógicas dos turnos da manhã e tarde o perfil social dos alunos é composto por moradores de diversos bairros da cidade, inclusive do interior. A partir das informações do perfil socioeconômico disponibilizados pela direção pode-se perceber que as famílias dos alunos se dividem nas mais diversas faixas econômicas, tanto com renda inferior a um salário mínimo quanto famílias que ganham até dez salários mínimos. Uma grande parte dos estudantes optou pelo colégio devido a sua localização, por estar próxima às paradas de transporte público da cidade, facilitando sua mobilidade.

Em relação à turma onde foi desenvolvido o projeto com música sertaneja se trata da mesma escola, contudo em turno contrário. Segundo o relato da coordenação pedagógica do turno, os alunos que ali estudam são em sua maioria de renda média baixa, com emprego fixo ou participantes de cursos profissionalizantes.

Situada no centro da cidade, o espaço da escola ocupa aproximadamente metade da quadra, sendo composta por um pátio de entrada com guarita e guarda no portão principal, um prédio principal, segundo pavimento lateral, pavimento anterior de pequeno porte e uma quadra poliesportiva com cobertura metálica. A estrutura dos prédios abriga 18 salas de aula, uma biblioteca, secretaria, recepção, sala de coordenação pedagógica, sala de vídeo e um pequeno auditório com capacidade para cerca de 150 pessoas. Apesar da quantidade de salas, um espaço específico para aula de música ou artes não era disponibilizado, sendo assim, durante a parte inicial dos projetos foi necessário utilizar uma sala que anteriormente continha uma turma de educação infantil e estava em processo de reforma.

Apresentação dos projetos iniciais

Os projetos aqui apresentados têm diferentes funções, uma vez que o estágio curricular pretende tornar o graduando consciente das situações que acontecem dentro de sala de aula, bem como criar nos estudantes a prática do planejamento de projetos em educação musical e a execução de planos de aula que, durante a graduação, estão no nível das ideias. Em relação ao trabalho com o ensino médio, fez parte das atribuições como funcionário contratado pelo estado em regime de urgência, sem certeza da continuação das atividades nos anos subsequentes.

A proposta de atividades para o estágio II foi embasada na necessidade da turma em integrar-se, porque durante as observações anteriores à prática foi percebido o distanciamento entre os alunos durante certas atividades, sendo que por diversas vezes nas aulas de arte era possível ver estudantes isolados, deixando de interagir mesmo quando estavam reunidos em grupos. Em momentos que a turma estava realizando exercícios, alguns jovens utilizavam fones de ouvido, dificultando ainda mais o diálogo, logo a decisão por uma prática em conjunto

parecia bastante significativa para os estudantes.

Dentro ou fora da escola podemos pensar em ver os alunos como sistemas complexos partes de uma sociedade, de um grupo social, auto organizadores, autônomos, criadores e recriadores da realidade, auto poético, ou seja, ecossistêmico, conforme aponta Maria C. Moraes (2008). Os educadores musicais precisam seguir esta tendência e compreender seu papel na educação, promovendo sempre que possível a interação, compartilhamento e diálogo entre os jovens.

O objetivo final do projeto de estágio II é a adaptação e execução de uma música escolhida e criada pela turma, pois como Freire (2001) escreve, o professor deve se propor a considerar o discurso dos alunos. Da mesma forma, alguns princípios da educação musical apresentados por Swanwick (2003), como considerar a música como discurso, são inegáveis promotores de compartilhamento de ideias e discussões. Por essas e outras razões, a proposta para este grupo foi de prática em conjunto de uma peça musical adaptada e selecionada por eles mesmos.

Na segunda experiência no ensino médio, optou-se pela prática em conjunto com um repertório a escolha da turma. Como comenta Cristina Bertoni dos Santos em seu trabalho *Aula de música e escola* (2012), alguns exemplos devem ser trazidos pelos alunos a partir do contato e conhecimento com a música. Apresentando assim, uma relação de proximidade entre o que eles ouvem e o que é conteúdo em educação musical. Conforme aponta a autora, as relações epistêmicas, de identidade e sociabilidades, são apresentadas pelos jovens em diferentes momentos sob diferentes situações e em níveis distintos (SANTOS, 2012).

Acreditando no poder da interação entre os indivíduos, percebe-se que uma das maneiras de fazer com que os jovens criem um respeito maior pelo gosto musical do outro é fazer com que eles pratiquem música juntos, que ouçam a mesma música e participem do mesmo fazer musical. A prática de repertório musical, sendo em contexto formal de ensino ou, a partir da prática cotidiana em diferentes espaços, não se pode pensar no respeito e na interação com o outro se focarmos na individualidade. O repertório, mesmo que para um instrumentista, pode ser feito junto com colegas ou através da interação com o público.

Conforme Cristiane Magda de Souza (2013 p.40) “[...] uma experiência multicultural possibilita a ampliação desse universo, a interação com a cultura do outro, incorporando significado à própria identidade.”, o que pode significar que na prática musical em conjunto com estudantes de diferentes gostos, o aluno pode criar respeito pelo outro, mas acima de tudo compreender a sua própria forma de ouvir música e o seu gosto. Não é uma afirmação baseada apenas em observação, mas na realidade de que “[...] a música é um privilegiado instrumento de promoção e manutenção de sociabilidades” (SILVA, 2012 p. 102).

Dentro desta proposta mais abrangente, uma das atividades desenvolvidas foi fazer música com os alunos. Para tanto foram realizados exercícios de imitação, percepção e criação, sempre com a participação de todos os estudantes na turma. Nestas atividades puderam ser observadas algumas relações com as práticas realizadas nos projetos de estágio curricular, como facilidade e rapidez, por parte dos alunos, de assimilar padrões rítmicos e melódicos. A facilidade em repetir os padrões assimilados foi bastante grande, mas inversamente proporcional a habilidade ou desejo de externar ideias musicais autorais.

Apresentação dos resultados dos projetos

Primeiro projeto

Durante o primeiro projeto com o estágio curricular na turma de nono ano, nas primeiras aulas foram realizadas atividades que envolvessem diversos ritmos, além de utilizar diversas abordagens metodológicas. A problematização foi feita através de uma audição inicial sem explicações prévias, seguida de questionamento aos alunos sobre o que eles ouviram e o que eles conhecem a respeito das obras apreciadas. Todas as opiniões são ouvidas e escritas no quadro como chuva de ideias para elaborar um conceito final, e, a partir dele, é feita uma segunda audição para associar a música ao conceito e contexto discutido.

No início da segunda parte do projeto, quando seriam criadas as composições, a turma foi separada em grupos e lhes foi dada a tarefa de criar, organizar e ensaiar a peça. Os grupos demoraram um pouco para se organizar. Os mesmos ficavam distribuídos em lugares próximos

a sala de aula, para que todos pudessem ser vistos durante as atividades, mas que não fosse prejudicada a criação da música.

Não foi percebida muita dificuldade no início da atividade, porque os critérios foram apresentados no início da aula e posteriormente junto aos grupos. Uma técnica de manutenção de atenção utilizada foi de, sempre que possível, circular entre os grupos, para demonstrar a presença se houvesse necessidade, mas ao mesmo tempo tentar ajudar somente em questões que eles realmente não conseguiriam sozinhos. Cada grupo teve dificuldades particulares; o mais complicado foi aquele que contava com um maior número de componentes, porque sempre havia dispersão entre eles e, quando todos se concentravam, demoravam para entrar em um acordo.

O grupo que se desenvolveu mais rapidamente fez uma composição simples, com um ganzá, um par de colheres, um tambor com baquetas e copos: cada aluno era responsável pela manutenção de um dos ostinatos com base nos ritmos trabalhados. Em alguns momentos houve dispersão dos alunos, por estímulos externos à escola ou por conversas entre eles, mas quando isso acontecia procurava-se ir próximo aos componentes do grupo para auxiliar a concluir o trabalho e retomar a atenção.

Um aluno, que no início das aulas se mostrava pouco interessado no exercício, ao final da tarefa era líder e servia de exemplo para seus colegas. Isso ocorreu devido ao espaço que lhe foi dado, pois no começo das aulas ele estava desconfortável com algo pessoal e não queria compartilhar com o professor, mas com o tempo talvez tenha resolvido o problema e sentiu confiança pela liberdade que lhe havia sido permitida.

Segundo projeto

Quanto ao projeto na turma de terceiro ano do ensino médio, os encontros se desenvolveram de forma diferente, pois mesmo tendo em comum o objetivo de prática em conjunto, o repertório não seria de uma composição dos alunos, mas apenas a interpretação de uma música. A escolha das peças, bem como a escolha das funções dos participantes ocorreu de maneira tranquila e sem grandes conflitos, mas utilizou duas aulas para se completar a

tarefa. Foram necessárias várias atividades de apreciação, além de exercícios rítmicos e vocais antes de iniciar os ensaios, porque foi constatada uma dificuldade dos alunos para internalizarem o pulso da música e iniciarem ao mesmo tempo, assim como problemas pontuais de afinação. Uma das atividades utilizadas foi executar motivos melódicos, extraídos de partes das músicas que estávamos trabalhando, através da técnica de boca chiusa.

Durante o projeto houve o problema de uma parte da turma estar sem interesse em realizar a atividade, enquanto a outra parte parecia bastante interessada, mesmo após individualmente tentar resolver os problemas, não houve adesão de todos. Foi então mantido o planejamento de continuar com os ensaios, baseado na ideia de que seria mais eficiente com a turma toda praticar as músicas antes de tentar solucionar conflitos individuais, porque o objetivo do trabalho sempre foi a prática em conjunto, sendo essa, uma escolha baseada na observação do grupo.

Procurou-se manter uma rotina de chamada, deslocamento para a sala de ensaio (o auditório da escola) e a colocação dos alunos em suas posições para então iniciar a prática. A ordem da execução das músicas não era regular, pois o mais importante era resolver problemas mais urgentes e executar do início ao fim as peças. Buscou-se começar as músicas da mesma forma, com os instrumentos de harmonia, e seguir com a base rítmica. Depois de ensaiar uma vez sem a voz, ensaiamos com os cantores; essa rotina se mostrou eficiente e deu uma dinâmica funcional para as aulas.

Conclusões

Dos resultados obtidos nos diferentes projetos aqui apresentados, percebeu-se que os alunos estão desejando desenvolver atividades relacionadas a música, independentemente da idade ou da situação socioeconômica. Ainda que as escolas não pareçam estar estruturalmente prontas e nem mesmo pedagogicamente esclarecidas quanto aos processos de ensinar música, os jovens querem e são muito capazes de desenvolver plenamente atividades musicais.

Com relação as turmas onde foi trabalhado, levou-se a experiência de lidar com jovens com características muito diversas, com vontades diferentes e com humores que mudam

constantemente, contudo, participam e estão dispostos a praticar a música em conjunto. Estão dispostos a ouvir/tocar a música do outro e, por mais que haja divergências entre seus pensamentos, com paciência e uma estratégia metodológica eficiente eles estão dispostos a fazer música.

Os processos dentro da educação na rede pública de ensino estão passando por transformações, se começa a perceber que é possível trabalhar o pensamento transdisciplinar e sistêmico. Muito mais, na área de educação musical, conforme Georges Snyders (1997) nos traz em seu livro *A escola pode ensinar as alegrias da música?* que o ensino da música na educação básica pode despertar nos estudantes um maior interesse nos estudos das mais diversas áreas.

Para alguns alunos é a partir talvez da beleza da música, da alegria proporcionada pela beleza musical, tão frequentemente presente em suas vidas de uma outra forma, que chegarão a sentir a beleza na literatura, o misto de beleza e verdade existente na matemática, o misto de beleza e eficácia que há nas ciências [...] (SNYDERS, 1997, p. 135.)

As vivências em sala de aula, a partir da perspectiva dos alunos mostram-se completamente diferentes e muitas vezes não se pode entender a complexidade do trabalho desenvolvido pelo professor. Ao mesmo tempo, neste momento de observação e atuação docente, sente-se também que os professores ainda não são totalmente capazes de perceber a gama das relações interpessoais e psicossociais dos estudantes, fazendo com que a relação professor/aluno necessite de um diálogo maior.

Conforme apontam as pesquisas realizadas por Graça Boal Palheiros (2006), Cristiane Magda de Souza (2012) e Cristina Bertoni Santos (2013), na vida das crianças e dos jovens, ouvir música tem uma enorme representatividade social, afetiva, comportamental, cultural e psicológica; desta maneira a educação musical não pode ficar alheia a estas questões no desenvolvimento curricular. Há uma necessidade de ponderar o contexto dos alunos e as suas práticas individuais de audição, para ter condições de apresentar propostas interessantes no estudo da música em sala de aula.

Conforme foi apresentado, são turmas de idades e contextos socioeconômicos

diferentes, que estudam em turnos opostos, mas que tem desejos semelhantes de novas aprendizagens, de experiências distintas, de novas relações e da possibilidade de repensar a educação. Indiferente da posição do professor como estagiário ou titular é importante considerar essa efervescência na mente dos jovens, e estar aberto a se reinventar para que haja uma real aprendizagem de ambas as partes.

O que pode ser ressaltado como maior aprendizado neste relato é que nunca estamos completamente preparados para atuar em sala de aula, principalmente porque as situações que são encontradas muitas vezes não estão nos livros, e têm de ser compreendidas e trabalhadas de acordo com as especificidades de cada grupo. O maior desafio é sermos mediadores do conhecimento e desenvolvimento sociocultural dos jovens em contextos distintos.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários a prática educativa. São Paulo - SP. Paz e Terra, 2001.

MORAES, Maria C. **Pensamento Eco-Sistêmico**: Educação aprendizagem e cidadania no Séc. XXI. Petrópolis Rio de Janeiro. Editora Vozes 2008.

PALHEIROS, Graça Boal. **Funções e modos de ouvir música de crianças e adolescentes, em diferentes contextos**. In: ILARI, Beatriz (org.) Em busca da mente musical: Ensaios sobre os processos cognitivos em música – da percepção à produção. 2006 - Curitiba: Editora da UFPR, p.303-352.

SANTOS, Cristina Bertoni. **Aula de música e escola**: concepções e expectativas de alunos do ensino médio sobre a aula de música da escola. Revista da ABEM, Londrina – PR. V. 20, nº 27 – pag. 79-92. Junho de 2012.

SANTOS, Regina Marcia Simão. **Fazer música em grupo**: o Centro de Convivência Musical – CECOM. Anais - XXI Congresso Nacional da ABEM, Pirenópolis – GO. Pag. 1087-1097. Novembro de 2013.

SILVA, Rafael Rodrigues da Silva. **O que faz uma música “boa” ou “ruim”**: critérios de legitimidade e consumos musicais entre estudantes do ensino médio. Revista da ABEM, Londrina – PR. V. 20, nº 27 – pag. 93-104. Junho de 2012.

SOUZA, Cristiane Magda Nogueira de. **Educação musical, cultura e identidade**: configurações possíveis entre escola, família e mídia. Revista da ABEM, Londrina – PR. V. 21, nº 31 – pag. 51-62. Julho de 2013.

SNYDERS, Georges. **A escola pode ensinar as alegrias da música?** 3.ed. São Paulo: Cortez, 1997.

SWANWICK, Keith. **Ensinando música musicalmente**. Tradução de Alda Oliveira e Cristina Tourinho. São Paulo: Moderna, 2003.128 p.